

LITERATURA

Um escritor à luz da ciência de seu tempo

Euclides da Cunha, cujo centenário de morte se completa hoje, apropriou-se de conceitos então vigentes na psiquiatria para criar sua obra-prima: Os Sertões



Retrato de Euclides da Cunha, com dedicatória, no verso, para o escritor e professor Coelho Netto, autor de "Fogo Fátuo"

MOACYR SCLiar *

O centenário de falecimento de Euclides da Cunha inevitavelmente nos remete a *Os Sertões* e à época em que o escritor produziu sua grande obra. O final do século 19 e o começo do século 20 marcam um período de grandes transformações e de grandes progressos científicos, inclusive e principalmente na medicina. É o momento da revolução pasteuriana, na qual o laboratório permitirá fazer diagnósticos mais precisos das doenças infecciosas mediante a identificação de germes patogênicos. É o momento em que a tecnologia entra no diagnóstico e no tratamento, por exemplo através dos raios-X.

Muitas áreas médicas crescerão então em importância, entre elas a psiquiatria. E o pensamento psiquiátrico influenciará, direta ou indiretamente, a visão de Euclides acerca de Canudos e do Brasil. Engenheiro de formação, bacharel em Ciências e em Matemática, adepto do positivismo e do darwinismo, o escritor era um homem culto, informado, que procurava

interpretar os fenômenos sociais à luz de conceitos científicos (ou que se pretendiam científicos). Naquele momento a interface psiquiatria-criminologia estava sendo consideravelmente ampliada; cinco conceitos, hoje definitivamente superados, tinham muita importância.

O primeiro conceito é o de "loucura moral" (*moral insanity*) formulado, ainda na primeira metade do século 19, pelo psiquiatra inglês James Cowles Prichard para definir "uma perversão mórbida dos sentimentos, da disposição moral, dos impulsos", mas sem perturbação do intelecto e sem outros sinais de loucura, como delírios ou alucinações. Esse conceito foi retomado, e modificado, pelo influente Henry Maudsley (1835 – 1918), aliás citado por Euclides no final de *Os Sertões* ("É que não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades..."). Psiquiatra de enorme prestígio no Reino Unido, diretor de várias instituições especializadas, Maudsley defendia uma abordagem científica dos fenômenos mentais. Para ele, crime e loucura eram apenas faces da mesma moeda; desta forma, no julgamento dos criminosos, a medicina teria um papel tão importante quanto o judiciário.

O segundo conceito é o de "psicopatia", formulado pelo médico alemão J. L. A. Koch

e divulgado em livro de sua autoria datado de 1891. Koch falava de pessoas que, sem sinais de doença ou retardo mental, apresentavam, contudo, um rígido padrão de conduta desviante, antisocial.

O terceiro conceito é o de "neurastenia" popularizado nos Estados Unidos pelo médico George M. Beard. A palavra neurastenia vem do grego e quer dizer "fraqueza nervosa", tinha conotação especialmente sombria numa cultura que valorizava a energia, a força. Por isso, a neurastenia, que incluía mais de cem sintomas, tinha de ser combatida, e existiam muitos "tônicos" para tal fim.

O quarto conceito é o da "degenerescência", popularizado pelo francês Benedict Morel em 1857: uma decadência psicológica e mental que, no Brasil, era atribuída à mestiçagem. O quinto conceito é o de "criminoso nato", formulado pelo médico italiano Cesare Lombroso, cujo centenário de falecimento também ocorre este ano, em outubro. Professor universitário e autor de *L'Uomo Delinquente (O Homem Delinquente, 1876)*. Através dos chamados estigmas, como deformidades cranianas, maxilar grande, testa pequena, zígomias salientes, nariz adunco, lábios grossos, braços longos, mãos grandes, anomalias

dos órgãos sexuais, orelhas grandes e separadas, e de características pessoais (insensibilidade à dor, cinismo, vaidade, crueldade, falta de senso moral, preguiça excessiva, caráter impulsivo), além da epilepsia, Lombroso procurava identificar indivíduos que inevitavelmente seriam criminosos. Seus seguidores no Brasil incluíam o filósofo e jurista Tobias Barreto e o médico baiano Raimundo Nina Rodrigues, que era contemporâneo de Euclides e a quem coube a tarefa de examinar, à luz dos critérios lombrosianos, a cabeça decapitada de Antonio Conselheiro. Baseado nas ideias de Lombroso, Nina Rodrigues defendia os conceitos de tara hereditária e também o de degenerescência, o mulato sendo particularmente afetado.

Influenciado por esse clima de ideias, não seria de admirar que Euclides, enviado a Canudos para fazer a cobertura jornalística do conflito de Canudos, visse nos seguidores de Antonio Conselheiro tipos degenerados, inferiores: loucos morais, ou psicopatas, ou mesmo criminosos natos. E de início foi o que aconteceu. Como Nina Rodrigues, Euclides achava que Conselheiro seria portador de uma constituição mórbida, paranóica. Seus adeptos não eram de estirpe melhor: "gente ínfima e suspeita", avessa ao trabalho, uns vencidos.

Euclides não estava sozinho nestas considerações. Ruy Barbosa descrevia os habitantes de Canudos como "idiotas e escravos de galés". Mas o livro mostra como Euclides mudou de opinião. O autor que falava de "mestiços neurastênicos" acabará por fazer uma verdadeira eulogia do brasileiro humilde. No famoso trecho que começa com "O sertanejo é, antes de tudo, um forte"; descreve-nos o sertanejo como um homem que, aparentemente "desgracioso, desengonçado, torto", transfigura-se diante dos desafios, transformando-se em "um titã acobreado e potente" com "força e agilidade extraordinárias".

Como diz Berthold Zilly, professor da Freie Universität Berlin, tradutor e estudioso de *Os Sertões*: "Euclides da Cunha chamou a atenção para os excluídos em obra fundadora da nacionalidade. (...) O ideólogo republicano e cientificista Euclides da Cunha cada vez mais cede lugar ao patriota e homem cheio de empatia e de compaixão". Neste sentido, observa Zilly, ~kk, Euclides precedeu o Gilberto Freyre de *Casa-Grande & Senzala*, ao mostrar que a mestiçagem não é um fator de inferioridade como até então se sustentava. O que o coloca, de forma definitiva, na categoria dos grandes intérpretes do Brasil.

* Escritor

CULTURA

ZERO HORA

Edição: Eduardo Veras (interino)
Diagramação: Leonice Schmorantz

Telefone: (51) 3218-4382
E-mail: eduardo.veras@zerohora.com.br

Profissionais
mais completos.
Pessoas
mais preparadas.

Filosofia

Graduação /extravestibular - Cursos livres

Início: 17/08
51 3028.4888
www.idc.org.br

IDC

FACULDADE